

ANAIS DA 65ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC – RECIFE, PE – JULHO/2013

LUIZ GONZAGA: SERTANEJO, SIM SENHOR

Lúcia Maria Firmo
UPE – Campus Mata Norte

Embasado na teoria semiótica Greimasiana, este trabalho tem como objetivo fazer um estudo semiótico, com ênfase nas estruturas discursivas, de textos do cancionário do cantor e compositor Luiz Gonzaga. No clássico *Os Sertões*, Cunha (2001, p. 207) descreve o tipo sertanejo, dizendo o seguinte: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. (...) É o homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude. Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. (...) Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; (...) e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.”¹ Estabelecendo-se um paralelo entre o texto de Euclides da Cunha e a história de vida de Luiz Gonzaga, identifica-se uma figurativização do percurso realizado pelo Rei do Baião, a fim de alcançar o seu objetivo que era tornar-se um sanfoneiro famoso. Da vida de menino de pés descalços que brincava à beira do rio Brígida, em Exu, na Região do Araripe em Pernambuco, a ícone da música popular brasileira que impôs o Nordeste nesse universo musical, Gonzaga soube vencer os obstáculos que lhe atravessaram o caminho, com obstinação, honestidade e consciência dos seus propósitos, ou seja, qualquer “aparência de cansaço” iludia. Não se feriu nos galhos da caatinga, mas sofreu desilusões na aridez da cidade grande. No entanto, a fala mansa e o jeito bonachão “*transfiguravam-se*” diante dos problemas – seus e dos outros –, e ele não se poupava para resolvê-los. A cada obstáculo, as suas forças se renovavam “*e da figura vulgar do tabaréu canhestro*” – que, evidentemente, ele não era –, repontava, “*inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente.*” Por isso, jamais se sentiu como um pobre coitado porque, com o seu talento e carisma, conquistava todo mundo, afinal, era o filho muito bem educado por Santana e Januário, assim como o foram os seus irmãos. Gonzaga teve fama internacional, fez fortuna, mas, mesmo assim, não se tornou arrogante. Pelo contrário, como bom cristão que era, ajudou muita gente e, em especial, a cidade de Exu, como ele sempre quis. A música de Luiz Gonzaga tem uma feição miscigenada, brejeira, de uma malícia ingênua, mas também é uma música muitas vezes séria, contestadora, reveladora, instigante e, às vezes, a interpretação do cantor, a melodia ou o ritmo variam de acordo com o tema abordado, sem nisso constituir um parâmetro. Por exemplo, as músicas *Açucena Cheirosa* (Rômulo Paes/Celso Garcia) e *A Triste Partida* (Patativa do Assaré), em suas regravações, têm ritmos diferentes, embora mantenham a essência. De forma geral, as letras das canções falam do

¹ CUNHA, Euclides da. O sertanejo. In: **Os sertões** (Campanha de Canudos); edição, prefácio, cronologia, notas e índices: Leopoldo Bernucci. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. (Clássicos comentados I). pp. 207-208 (Fragmento de texto)

cotidiano – em especial do Sertão nordestino –, da migração do sertanejo que, fugindo da seca, busca melhores condições de vida nas metrópoles, de amores – correspondidos ou não –, amores incipientes, viagens, entre outros assuntos. Para cada tema abordado, não contam somente a letra e a melodia, mas também a criatividade dos arranjos, a voz melodiosa do Rei do Baião, o ritmo exato para determinado assunto, a introdução, que ele não dispensava, além do domínio da sanfona, elementos que compõem a harmonia das músicas, caracterizando a sua obra. Os acordes introdutórios convidam o ouvinte não só a prestar atenção à evolução das canções como, também, é improvável que alguém permaneça indiferente ao ritmo entoadado. Os exemplos são muitos, afinal, contam-se mais de seiscentas músicas, e tarefa árdua é encontrar o melhor exemplo porque, na verdade, a maioria das canções é muito boa. Os acordes que abrem a música *Estrela de Ouro* (Antônio Barros Silva/José Batista) trazem um tom majestoso que intima o ouvinte a conhecer a narrativa sobre a história do baião e da coroação do Rei desse gênero musical. É importante observar que, apesar de certa vaidade contida na narrativa, os compositores souberam expressar a humildade de Gonzaga, principalmente nos versos *Como um milagre caído do céu,/Fizeram-me Rei do Baião*. É provável que se o próprio Luiz Gonzaga tivesse elaborado a letra, ele o faria de modo semelhante. A ingenuidade se apresenta e permanece ao longo de canções como *Lá Vai Pitomba* (Luiz Gonzaga/Onildo Almeida) e *Perpétua* (Luiz Gonzaga/Miguel Lima), enquanto uma delicada sensualidade vem à superfície nos versos de músicas como *Aí Tem* (João Silva/Zé Mocê), *O Cheiro da Carolina* (Amorim Roxo/Zé Gonzaga) e *Xamego* (Luiz Gonzaga/Miguel Lima). Observe-se, porém, que a sensualidade ou mesmo alguma erotização que transparecem nas composições estão muito longe da vulgaridade. Simulando o barulho da marcha de um trem, os primeiros acordes de *Arcoverde Meu* (João Silva/Luiz Gonzaga) constituem um convite para, atravessando Pernambuco, percorrer o trajeto descrito ao longo da narrativa. As canções *Derramaro o Gai* (Luiz Gonzaga/Zé Dantas), *Siri Jogando Bola* (Luiz Gonzaga/Zé Dantas), uma ingênua prosopopéia, *Liforme Instravagante* (Raimundo Grangeiro) e *Contrastes de Várzea Alegre* (José Clementino/Luiz Gonzaga), em cujas letras prevalece o *non sense*, revelam o lado humorístico da obra gonzagueana. Em 2005, a partir do projeto apresentado pela Deputada Luiza Erundina (PSB-SP), o Governo Federal sancionou a Lei que instituiu o dia 13 de dezembro como o *Dia Nacional do Forró*, em reconhecimento aos méritos de Luiz Gonzaga pela sua contribuição à música popular brasileira. A data, evidentemente, é em homenagem ao dia do nascimento do Rei do Baião. Atendendo ao projeto apresentado em 2011, pelo Deputado Antônio Moraes, o atual governador de Pernambuco, Eduardo Campos, sancionou a Lei Nº 14.291, DE 03 DE MAIO DE 2011 que instituiu o ano de 2012, no Calendário Cultural do Estado, consagrado ao Centenário de Nascimento de Luiz Gonzaga. As homenagens foram iniciadas no mês de dezembro de 2011, tanto em Recife quanto em Exu. Também em 2012, o cineasta Breno Silveira concluiu a produção do filme *Gonzaga: de pai para filho*, cujas filmagens tiveram início em dezembro de 2011. O lançamento do filme ocorreu em 26 de outubro de 2012. Ainda, no carnaval de 2012, em Recife, o famoso bloco *Galo da Madrugada* reverenciou Luiz Gonzaga com o tema “*Galo, Frevo e Folião: Homenagem ao Rei do Baião*”. No Rio de Janeiro, o *Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca* levou para o sambódromo uma homenagem ao Rei do Baião, com o tema “*O dia em que toda a realeza desembarcou na Avenida para coroar o Rei Luiz do Sertão*”, conquistando o 1º lugar. Embora nos últimos anos de vida estivesse doente, devido a um câncer cuja metástase lhe atingiu os ossos, impedindo-o de andar, Gonzaga continuou a cantar e tocar a sua sanfona, que era a sua profissão. Como se vê, de maneira incontestável, por todas as suas realizações e pelo legado que deixou para a cultura brasileira, em especial para a música popular, Luiz Gonzaga foi, “*antes de tudo, um forte*”².

² CUNHA, Euclides da. Op. cit.